

MONTEIRO LOBATO
FABULAS DE NARIZINHO



MONTEIRO LOBATO & CIA - EDITORES - S. PAULO

Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

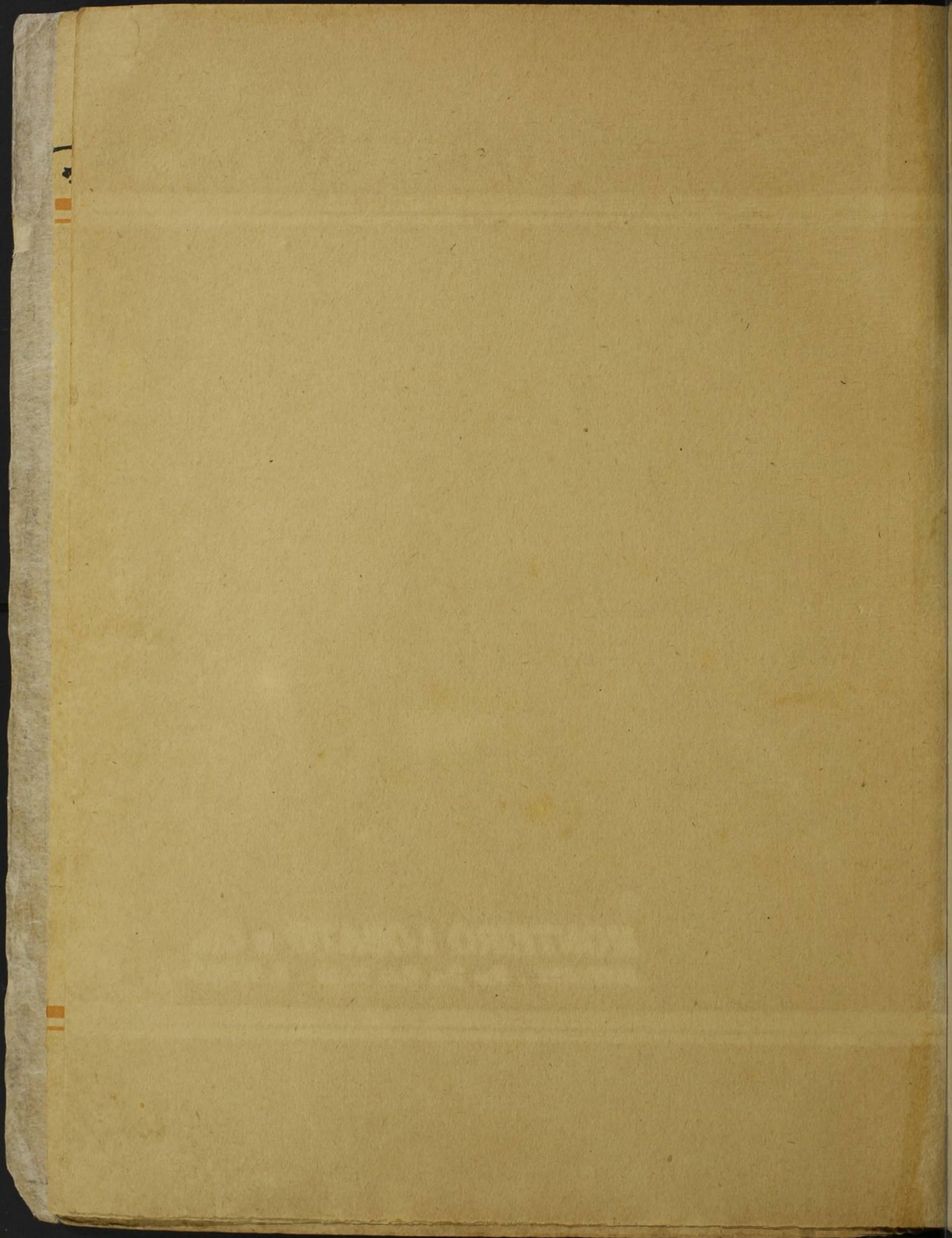
Ex Libris
José Mindlin



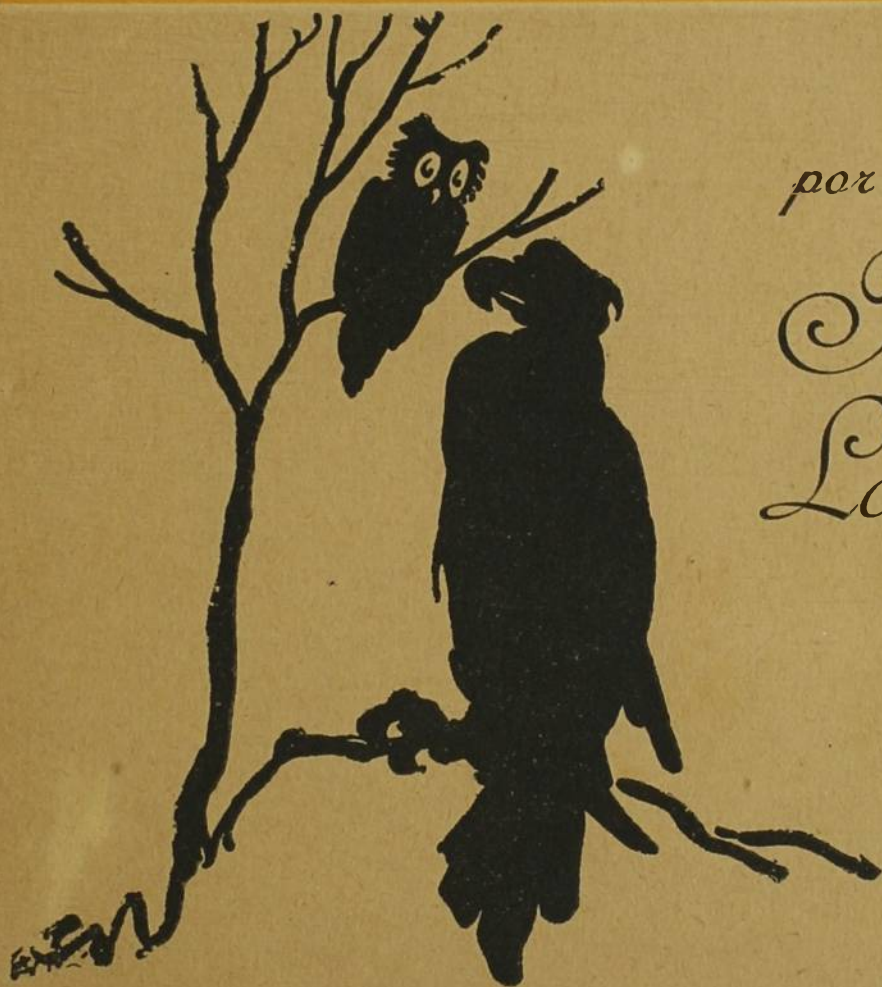


MONTEIRO LOBATO & Cia.

EDITORES - Rua Boa Vista N. 52 - S. PAULO



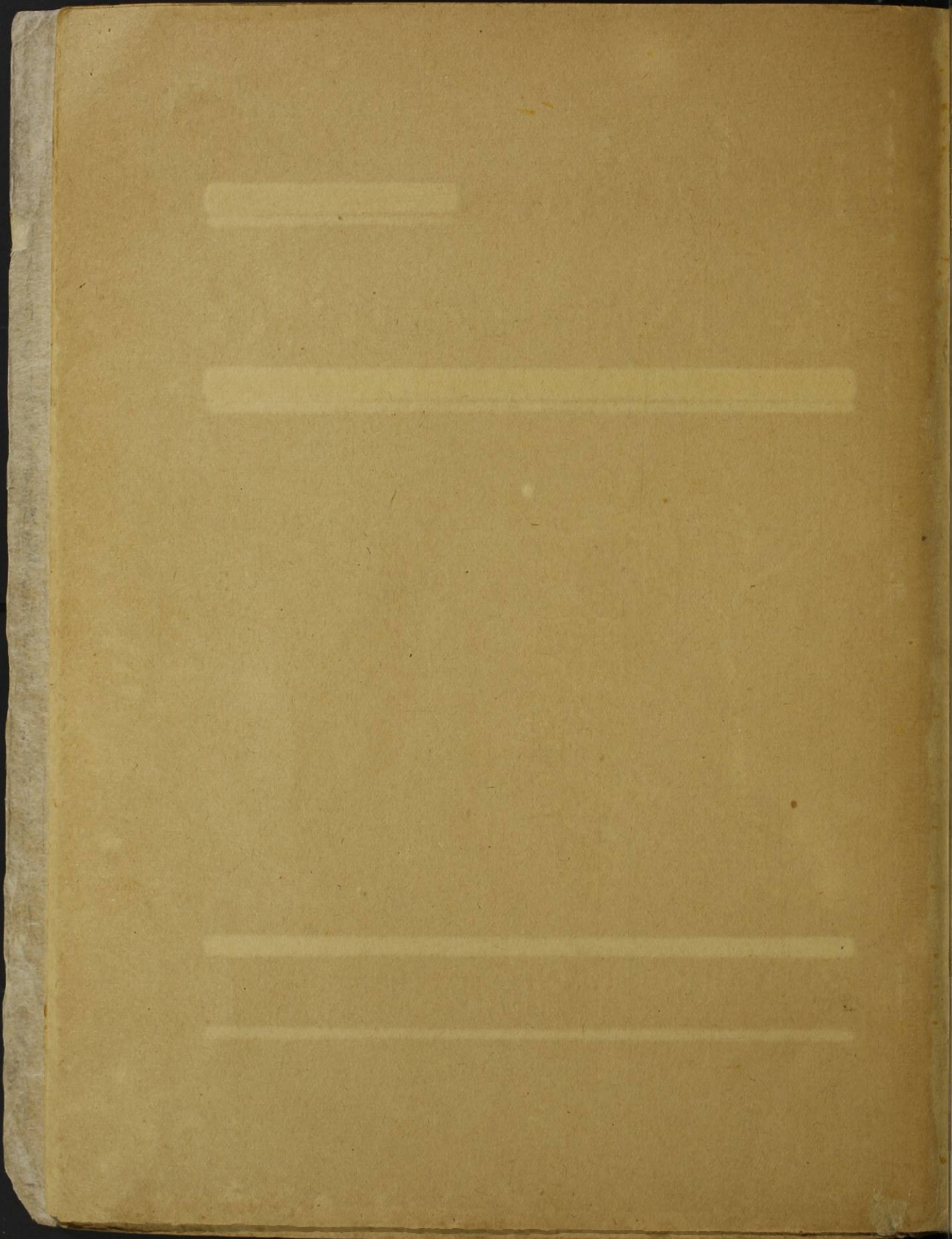
Fabulas de Narizinho



por

*Monteiro
Lobato*

MONTEIRO LOBATO & CIA. ✽ EDITORES
RUA BOA VISTA, 52 SÃO PAULO - 1921 CAIXA POSTAL, 2-B

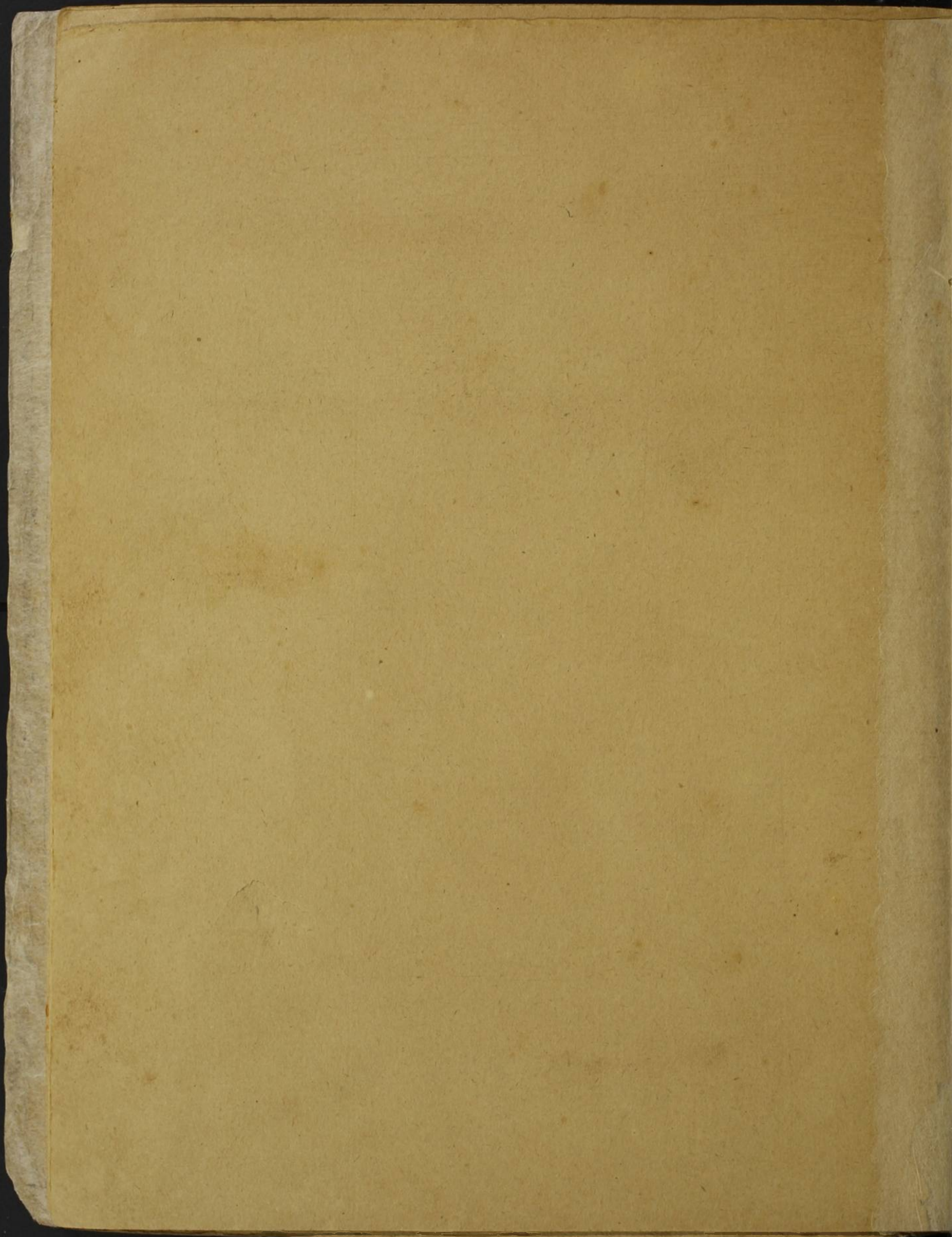


As fabulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infancia. Por intermedio dellas a moral, que não é outra coisa mais que a propria sabedoria da vida accumulada na consciencia da humanidade, penetra na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação.

Esta boa fada mobiliza a natureza, dá fala aos animaes, ás arvores, ás aguas e tece com esses elementos pequeninas tragedias donde resurte a "moralidade", isto é, a lição da vida.

O maravilhoso é o assucar que disfarça o medicamento amargo e torna agradavel a sua ingestão.

O autor nada mais fez senão dar forma sua ás velhas fabulas que Esopo, Lafontaine e outros crearam. Algumas são tomadas do nosso "folk-lore" e todas trazem em mira contribuir para a criação da fabula brasileira, pondo nellas a nossa natureza e os nossos animaes, sempre que é isso possivel.



INDICE

A cigarra e a formiga

Os dois burrinhos

O macaco e o gato

Os dois pombinhos

A mosca e o automovel

O corvo e o pavão

As abelhas e os zangãos

O leão e o ratinho

O veado e a moita

O gato e o sabiá

Os animaes e a peste

O elephante e o burro

O lobo e o cordeiro

O gato e a raposa

O cão e o lobo

A raposa e as uvas

O sabiá na gaiola

O cavallo e as mutucas

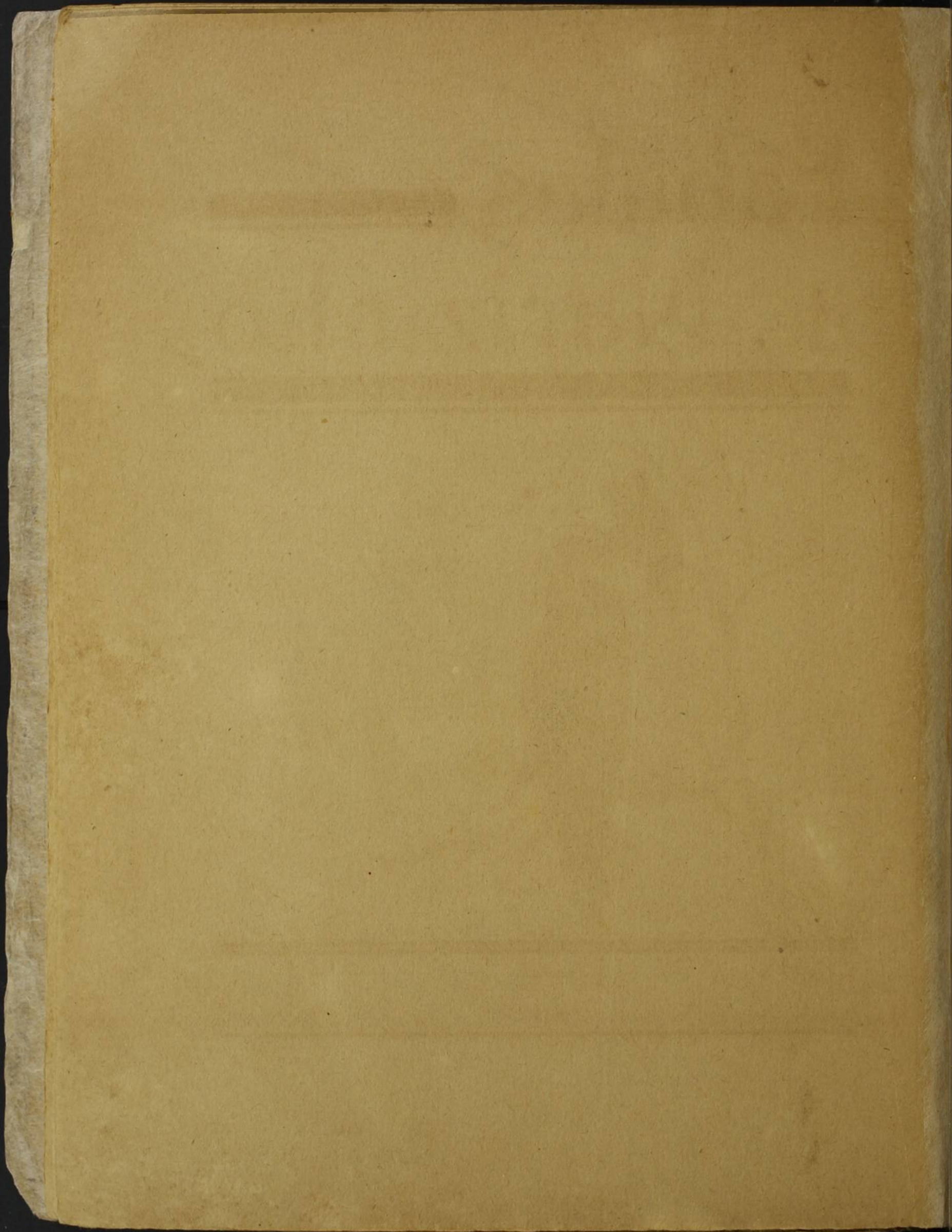
O lobo, a raposa e a ovelha
A piúva e o joboti
A cabra, o cabritinho e o lobo
O asno pedante e o burro humilde
A gallinha dos ovos de ouro
A onça, a anta e o macaco
O charlatão
O pastor e o leão
O reformador do mundo
A qualidade e a quantidade
A coruja e a aguia



de Laurus,
como Loureiros
de Laurus
de Laurus

Bahia
" "
" "
" "

Fabulas de Narizinho





A cigarra e a formiga

Houve uma joven cigarra, de côres rebrilhantes, que tinha por costume chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e era então seu divertimento observar as formigas operosas, na eterna faina de abastecer as tulhas de Formigopolis.

Mas o bom tempo, afinal, passou, e vieram as chuvas finas de Setembro. Os animaes todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tócas, á espera de que cessasse o horrivel chuvisqueiro.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho secco, e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manqitolando, com uma asa a arrastar, dirigiu-se a Formigopolis. Bateu — *tic, tic, tic...*

Surge uma formiga friorenta, embrulhada em fichú de paina.

— Que quer você? pergunta ella, examinando a triste mendiga, suja de lama e a tossir, a tossir...

— Venho em busca de agasalho. A garôa não cessa e eu...

A formiga olhou-a d'alto a baixo, franziu a testa e disse:

— E que fazia você durante o bom tempo que não construía a sua casa?

A pobre cigarra, treme-tremendo, respondeu depois dum acesso de tosse:

— Eu cantava, bem sabe...

— Ah!... exclamou a formiga, recordando-se. Era você, então, quem cantava. nessa arvore secca, enquanto nós labutavamos para abastecer as tulhas?

— Isso mesmo, era eu...

— Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquelle chiado nos divertia e nos alliviava o trabalho. Diziamos sempre: que felicidade ter como vizinha a uma tão gentil cantora! Entre, pois, amiga, que aqui tem cama e mesa enquanto o mau tempo durar.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol quente e ceu azul. E durante toda a temporada chuvosa encheu o formigueiro de alegria com a vibração das suas musicas chiantes.

Mais tarde, quando o sol reapareceu e a cigarra partiu, confessaram as formiguinhas, saudosas, nunca terem passado uma estação das aguas mais divertida que aquella...

* * *

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e friamente a repeliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo.

A cigarra, como de costume, cantara sem parar o estio inteiro, e o inverno viera pilhal-a desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se, nem folhinhas que comesse.



Desesperada, bateu á porta da formiga e pediu — emprestado, notem! — uns miseraveis restos de comida. Pagaria. Pagaria com juros altos, essa comida de emprestimo, logo que o tempo lh'o permittisse.

Mas a formiga era uma usuraria sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar tinha odio de morte á cigarra por vel-a querida de todos os sêres.

— Que fazia você, durante o bom tempo?

— Eu... eu cantava!...

— Cantava? Pois dance agora! e fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra alli morreu, entanguidinha; e quando regressou a primavera, o mundo apresentava um aspecto mais triste. E' que faltava na symphonia das cousas a nota estridente daquella cigarra morta em consequencia da avareza da formiga. No entanto, se a usuraria morresse, ninguem daria pela falta della!

Os artistas — poetas, pintores, musicos — são as cigarras da humanidade.



Os



dois burrinhos

Seguiam lampeiros, dois burrinhos de tropa, trotando pela estrada além. O da frente conduzia bruacas de ouro em pó; e o de trás, simples saccos de farello. Embora burros da mesma igualha, não queria o primeiro que o segundo lhe caminhasse a par.

— Alto lá! dizia elle. Não te emparelhes commigo, que quem carrega ouro não é do naipe de quem conduz farello. Guarda cinco passos de distancia, e caminha respeitoso como se fôras um pagem.

O burrinho do farello submettia-se e lá trotava na trazeira, de orelhas murchas, roendo-se de inveja do fidalgo.

De repente...

— Oah! ôah!...

São ladrões de estrada que surgem de trás de um tóco de figueira e agarram os burrinhos pelo cabresto.

Examinam primeiramente a carga do burro humilde, e,
— Farello! exclamam, desapontados. O demo o leve! Vejamos se ha coisa de mais valia no da frente.

— Ouro! ouro! gritam, arregalando os olhos. E atiram-se ao saque.

Mas o burrinho resiste. Desfere coices e dispara pelo campo afóra. Os ladrões correm-lhe atrás, cercam-no, e dão-lhe em cima de pau e pedra, sem dó nem piedade. Afinal, saqueiam-no.

Terminada a festa, o burrinho de ouro, mais morto que vivo e tão surrado que nem suster-se em pé podia, reclama auxilio do outro, que, muito fresco da vida, retouçava o capim sossegadamente.

— Soccorro, amigo! Vem acudir-me que estou descadeirado...

O burrinho do farello respondeu zombeteiramente:

— Mas poderei, acaso, approximar-me de Vossa Excellencia?

— Como não? A minha fidalguia estava toda dentro da bruaca, e lá se foi nas mãos daquelles patifes. Sem as bruacas de ouro no lombo sou uma pobre besta igual a ti...

— Bem sei. E's como certos grandes fidalgos do mundo que só valem pelo cargo que usurpam. No fundo, simples bestas de carga, eu, tu, elles...

E ajudou-o a regressar para casa, decorando para seu uso, bem decoradinha, a lição que ardia no lombo do vaidoso.

O macaco e o gato

Simão — o macaco, e Bichano — o gato, moram juntos sob o mesmo tecto. E pintam o sete na casa. Um furta “as coisas”, remexe gavetas, esconde tesourinhas, atormenta o papagaio; outro arranha os tapetes, esfiapa as almofadas e bebe o leite das crianças, ás escondidas .

Apesar de amigos e socios, o macaco sabe agir com tal maromba que é elle quem leva a melhor em todas as peraltagens.

Foi assim no caso das castanhas.

A cozinheira puzera a assar,
sobre brazas, uma duzia de



castanhas e sahira rumo da horta a colher temperos. Os dois malandros, vendo a cozinha vazia, aproximaram-se de manso, com piscadelas de intelligencia. Disse o macaco:

— Amigo Bichano, tens uma pata geitosa, optima para tirar castanhas do fogo. Vamos! Toca a manejar-a!

O gato não se fez insistir e com arte sabia começa a tapear as castanhas, chamando-as para fóra das cinzas.

— Prompto, uma!...

— Agora aquella de lá... Isso! Agora aquella gorducha... Isso! E mais a da esquerda, que estalou...

O gato as tirava, mas quem as comia, gulosamente, piscando o olho, era o macaco...

De repente, eis que surge a cozinheira, furiosa, de vara na mão, ameaçadora:

— Espera ahi, diabada!...

Os dois gatunos esvaem-se, aos pinotes, até alcançar couto seguro no telhado.

O macaco diz então, esfregando as munhecas:

— Boa partida, hein?

Bichano suspira.

— Para ti, que comeste as castanhas. Para mim, pessima, pois arrisquei o pêlo, incidi na vingança da criada, que, mais dia menos dia me descadeira a páu, e estou em jejum, sem saber que gosto tem uma castanhasinha assada...

Simão, cavortemente, consolou-o:

— Não te amofines, porque a vida é assim mesmo. O bom bocado não é para quem o faz, e sim para quem o come...

Os dois pombinhos

Eram felizes. Queriam-se muito e contentavam-se com o que tinham.

Mas um delles perdeu a cabeça e, farto de tanta paz, encasquetou a idéa de correr mundo.

— Para que? advertiu o companheiro. Não vives sossegado, aqui, neste remanso?

— Quero ver terras novas, respirar novos ares...

— Não vás! Ha mil perigos pelo caminho, incertezas, trai-





ções... Além disso, o tempo não é proprio. Epoca de temporaes, poderá um delles colher-te em viagem — e ai de ti!...

De nada valeram os bons avisos. O pombinho assanhado beijou o companheiro e partiu.

Nem de proposito, uma hora depois o céu se tolda, os ventos rugem e sobre a terra desaba tremendo aguaceiro.

O imprudente viajante aguenta o temporal inteiro fóra de abrigo, repimpado numa arvore secca. Soffre horrores; mas salva-se e, vinda a bonança, póde continuar a viagem. Dirige-se a um lindo arrozal, pensando:

— Que vidão irei passar neste mimoso tapete de verdura!
Ai!... Nem bem pousou e já se sentiu preso num laço cruel.
Uma hora de desespero, a debater-se...

Foi feliz, ainda. O laço, apodrecido pelas chuvas, rompeu-se e o pombinho safou-se. E fugiu, exaustão, com varias pennas de menos e uma tira de corda aos pés, a lhe embaraçar o vôo.

Nisto um gavião surge, que se precipita sobre elle com a rapidez da flexa. O misero pombinho, atarantado, mal tem tempo de lançar-se ao terreiro d'um casebre de lavrador. Livra-se dess'arte, do rapinante; mas não póde livrar-se dum menino que, de bodoque em punho, corre para cima delle e o espeloteia.

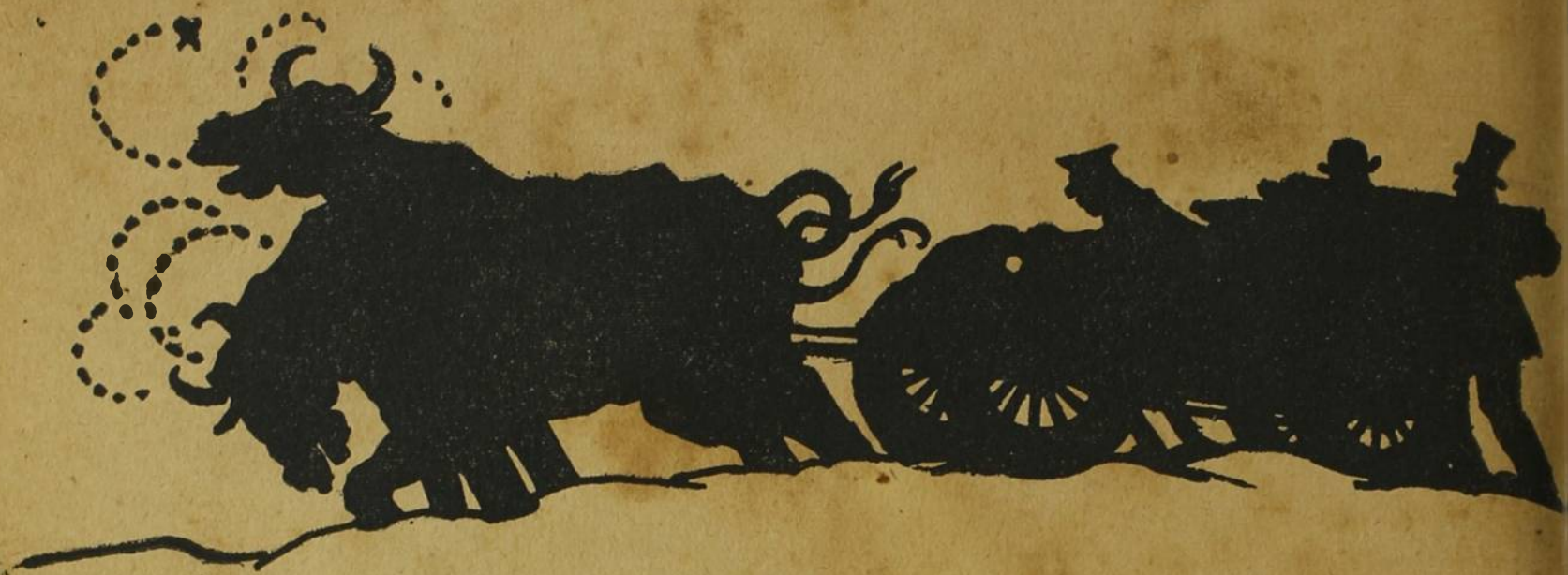
Corre que corre, pereréca que pereréca, o malaventurado pombinho consegue inda uma vez escapar, occulto num ôco de páo.

E alli, curtindo as dores da asa quebrada, esperou pacientemente que o inimigo se fosse. Só então, com mil cautelas, logrou fugir e regressar para casa.

O companheiro, ao vel-o chegar assim, arrastando a asa, depennado, moido de canseira, beijou-o repetidas vezes entre lagrimas, e disse:

— Bem certo o dictado: *boa romaria faz quem em casa fica em paz.*





A mosca e o automovel

Um automovel encalhou em certo ponto de máo caminho, onde havia um atoleiro.

— E agora?

— Agora é procurar bois na vizinhança e arrancal-o á força viva.

Assim se faz. Vêm os bois — uma junta de coice. Atrelam-na ao carro e principia a faina.

— Vamos, Malhado! Puxa, Cuitelo!

Os bois estiram os musculos, num potente esforço, espicados pelo aguilhão.

Mas não basta. E' preciso que todos, serviçaes e passageiros, mettam hombros á tarefa e, empurrando de cá, alçapremando de lá, ajudem o arranco dos bovinos.

Neste momento surge uma senhorita mosca. Assumpta o
e resolve metter o bedelho onde não é chamada.

E toda afflictasinha começa — vôa doqui, pouisa alli, zumbem
a orelha de um, pica no focinho de outro, atormenta os bois,
atrapalha os ho ns, multiplicando-se de tal maneira que dá
a impressão de ser, não uma só, mas um enxame inteiro de mos-
cardos infernaes.

O carro, afinal, arranca-se do atoleiro e a mosquinha, enxu-
gando o suor que lhe cae da testa, exulta, orgulhosa:

— Se não fosse eu...





O corvo e o pavão

O pavão, de roda aberta em forma de leque, dizia, com desprezo, ao côrvo:

— Repara como sou bello! Que cauda, hein? Que côres, que maravilhosa plumagem! Sou das aves a mais formosa e a mais perfeita, não?

— Fóra de duvida que és um bello bicho, disse o côrvo. Mas, perfeito, alto lá!

— Quem quer criticar-me! Um avejão negro, caxingó, capenga, desengraçado e, além disso, ave de mau agouro!... Que falhas vês em mim, ó tição empennado?

Respondeu o côrvo:

— Noto que a natureza, para refrear teu orgulho, deu-te

um par de patas que, faça-me o favor, envergonhariam até a um pobre diabo da minha marca!...

O pavão, que nunca tinha reparado nos próprios pés, abaixou-se e contemplou-os longamente. E, desapontado, foi andando o seu caminho, sem replicar coisa nenhuma.

Tinha razão o côrvo: *não ha
beleza sem senão.*





As abelhas e os zangãos

Apparecendo numa arvore uns lindos favos de mel sem dono, os zangãos os reclamaram logo, como coisa delles. As abelhas, porém, protestaram.

— Alto lá! Mel é comnosco, disseram ellas.

Houve inquerito, exames, vistorias, interrogatorio de testemunhas, mil coisas; mas o caso, embrulhado pelos rabulas, dia a dia se tornava mais difficil de resolver. Emquanto isso o mel azedava e as formigas roiam a cera.

Cançadas de lidar com a justiça resolveram as partes consultar um jaboti de grande tino, que em duas palavras resolveu a questão.

— E' muito facil decidir uma pendenga destas. Basta que tanto os zangãos como as abelhas façam, aqui perto de mim, um trabalho igual. Deste modo, comparando os favos sem dono com a amostra do trabalho de cada uma das partes, verei logo qual é a legitima proprietaria delles.

— Prompto! disseram as abelhas, preparando-se para a tarefa.

Os zangãos, porém, emmudeceram e trataram de raspar-se, desapontadissimos.

Não basta allegar, é preciso provar.





O leão e o ratinho

Ao sahir do seu buraco achou-se um ratinho entre as patas do leão. Estacou, de pêlos em pé, paralyzado pelo terror. O leão, porém, não lhe fez mal nenhum.

— Segue em paz, ratinho; não tenhas medo do teu rei.

O pobre rato sumiu-se, radiante de alegria:

Dias depois cáe o leão numa rêde. Urra desesperadamente, debate-se, estorce-se, e quanto mais se agita mais preso no laço se sente.

Attrahido pelo rumor, surge o ratinho.

— Amor com amor se paga, diz lá comsigo; e põe-se a roer as cordas. Róe que róe, horas a fio, e tanto faz que consegue romper uma das malhas. E como a rêde era das taes, que, rompida a primeira malha as outras se afrouxam, pode o leão deslindar-se e fugir.

Mais vale paciencia pequenina, que arrancos de leão.

O veado e a moita

Perseguido por caçadores cruéis esconde-se o veado, bem quietinho, em certa moita de folhagem cerrada. O abrigo era seguro, e tanto que por elle passaram os cães sem perceber coisa nenhuma.

Salvou-se dess'arte o veado. Mas, ingrato e imprudente, apenas ouviu latir ao longe o perigo, esqueceu o beneficio e pastou a bemfeitora, despindo a moita da espessa folhagem amiga.

Fez e pagou.



Dias depois voltaram á carga os caçadores. Acuam-no os cães e elle, veloz, corre em procura da moita. Ai! Victima da sua ingratição, a moita, nua de folhas e reduzida a varas, não mais poude escondel-o, e o triste veadinho acabou estraçalhado pelo dente dos cães impiedosos...





O gato e o sabiá

Cahira um triste sabiá nas unhas de esfaimadissimo bichano.
E gemendo de dôr implorava:

— Felino de bote prompto e afiadas unhas, poupa-me! Repara, que se me devoras, commettes um crime de lésa-arte, pois darás cabo de uma garganta maravilhosa donde brotam as mais lindas canções da selva. Queres ouvir uma dellas?

— Tenho fome! respondeu o gato.

— Queres ouvir uma canção que já enlevou as proprias pedras, que dizem surdas, e fez exclamar á onça bruta: “Este sabiá é a obra prima da natureza?”

— Tenho fome! repetiu o gato.

— Tens fome, bem vejo, mas não é isso razão para que destruas a maravilha da floresta, matando o tenor cujos trinos cream o extase na alma dos mais rudes bichos. Queres ouvir o gorgueio em lá-menor da minha ultima symphonia?

— Tenho fome! insistiu o gato. Sei que tudo é assim como

dizes, mas tenho fome e acabou-se. Para satisfazel-a devoraria não só a ti como á propria musica, si ella me apparecêra encarnada em petisco. E isso, meu caro sabiá, porque a fome não tem ouvidos...

E comeu-o.





Os animaes e a peste

— Em certo anno terrivel de peste entre os animaes, o leão, apprehensivo, chamou a conselho um afamado chimpanzé de barbas brancas.

— Esta peste é um castigo do céu, disse o oraculo, e o remedio é aplacarmos a colera divina sacrificando aos deuses um de nós.

— Ao qual? perguntou o leão.

— Ao mais carregado de crimes, respondeu o chimpanzé.

O rei dos animaes fechou os olhos, concentrou-se e, depois duma pausa, disse aos subditos reunidos em torno d'elle:

— Amigos! E' fóra de duvida que quem deve sacrificar-se sou eu. Commetti grandes crimes, matei centenas de veados, devorei innumeras ovelhas e até varios pastores. Offereço-me, pois, para o sacrificio necessario ao bem commum.

Adeanta-se a raposa e diz:

— Acho conveniente ouvir a confissão das demais feras. Porque, para mim, nada do que V. M. allegou constitue crime. Matar veados, desprezíveis creaturas! Devorar ovelhas, mesquinhos bichos de nenhuma importancia! Trucidar pastores, raça vil merecedora de exterminação! Nada disto é crime. São coisas, até, que muito honram o nosso virtuosissimo rei leão.

Grandes applausos abafaram as ultimas palavras da engrossadora e o leão foi posto de lado como improprio para o sacrificio.

Apresenta-se, em seguida, o tigre e repete-se a scena. Accusa-se elle de mil crimes, mas a raposa prova que tambem o tigre era um anjo de innocencia.

E o mesmo acontece com todas as feras de dente agudo e garras poderosas.

Nisto chega a vez do burro. Adeanta-se o pobre animal e diz:

— A consciencia só me accusa de haver entrado, movido pela fome, na horta do vigario, comendo alli uma folha de couve.

Os animaes, entreolharam-se. Era muito sério aquillo. E a raposa, tomando a palavra, conclue:

— Eis, amigos, o grande criminoso! Tão horrivel é o que elle nos conta que é inutil proseguir nas investigações. A victima a sacrificar-se aos deuses não póde ser outra, porque não póde haver crime maior do que furtar a sacratissima couve do senhor vigario.

Toda a bicharia concordou e o triste burro foi unanimemente eleito para o sacrificio.

— *Aos poderosos tudo se desculpa; aos miseraveis nada se perdôa.*





O elephante e o burro

No bom tempo em que os animaes falavam houve uma assembléa de bichos que se reuniu para deliberar sobre uma grande questão.

Compareceu, sem ser convidado, o burro e pedindo a palavra pronunciou longo discurso, fingindo-se estadista. Mas só disse asneiras. Era um zurrar, um zurrar...

Quando concluiu a quadrupedesca arenga, e parou á espera duma tempestade de applausos, o elephante, espichando a tromba para o seu lado, disse-lhe:

— Grande pedaço d'asno! Roubastes tempo, a nós e a ti. A nós, porque o perdemos a ouvir asneiras; e a ti, porque muito mais lucrarias empregando-o em pastar capim. Toma lá este conselho:

Um tolo nunca é mais tolo do que quando se mette a sabio.



O lobo e o cordeiro

Estava o cordeirinho a beber num corrego de aguas limpidas quando appareceu um lobo esfaimado, de horrendo aspecto.

— Que desaforo é esse de turbares a agua que venho beber? disse o monstro, arreganhando os dentes. Espera, que vou castigar a tua mácriação!...

O cordeirinho, tremulo de medo, respondeu com innocencia:

— Como posso turvar a agua que vaes beber se ella corre de ti para mim?

Era verdade aquillo e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu a perna a torcer:

— Além disso, inventou elle, sei que andaste a falar mal de mim, o anno passado.

— Como poderia dizer mal de ti o anno passado se nasci este anno?

Novamente confundido pela voz da innocencia, o lobo insistiu:

— Se não foste tu, foi teu irmão mais velho, o que dá no mesmo.

— Como poderia ser o meu irmão mais velho se sou filho unico?

O lobo, furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobresinho, rematou a contenda com uma razão de lobo faminto:

— Pois se não foi teu irmão foi teu pae ou teu avô!

E — *nhoc!* — sangrou-o no pescoço.

Contra a força, amigos não ha argumentos...

O gato e a raposa

Gato e raposa andavam a correr mundo, de sociedade, pilhando capoeiras e ninhos. Muito amigos, apesar de que a raposa, volta e meia, dava tréla á gabolice, depreciando o compadre.

— Afinal de contas, meu caro, não és dos bichos mais bem quinhoados pela natureza. Só tens um truque para illudir aos cães: trepar em arvore...

— E é quanto me basta. Vivo muito bem assim e não troco esta minha habilidade pela tua collecção inteira de manhas.

A raposa sorriu, compassivamente. Ora o gato a desfazer nella, dona de cem manhas cada qual melhor! E recor-



dou lá comsigo que sabia illudir os cães de mil maneiras, ora fingindo-se de morta, ora escondendo-se nas folhas seccas, já disfarçando as pegadas, já correndo em zig-zag. Recordou todos os seus truques classicos. Ennumerou-os. Chegou a contar noventa. E chegaria a cem si o rumor duma acuação lhe não viesse interromper os calculos.

— Está ahi a cachorrada! disse o gato, marinhandando pela arvore acima. Applica lá os teus innumeraveis recursos que o meu recursozinho unico já está applicado.

A raposa, perseguida de perto, disparou como um foguete pelos campos afóra, pondo em pratica, um por um, todos os recursos da sua collecção.

Mas foi tudo inutil. Os cães eram mestres; não lhe deram treguas, inutilisaram-lhe as mais engenhosas manhas e acabaram por ferral-a.

Só então se convenceu a raposa — muito tarde!... — de que é preferivel saber bem uma coisa só do que saber mal-e-mal noventa coisas diversas.



O cão e o lobo



Um lobo muito magro e faminto, todo pelle e ossos, poz-se um dia a philosophar sobre as tristezas da vida. E nisso estava, quando lhe surge pela frente um cão — mas um cão e tanto, gordo, forte, bem tratado, de pêlo fino e lustroso.

Estumado pela fome, o lobo teve impetos de atirar-se a elle. A prudencia, entretanto, cochichou-lhe ao ouvido: — Cuidado! Si te mettes a lutar com um cão desses quem sae perdendo és tu...

Ouviu a féra a voz da prudencia e humilhou-se. E disse:

— Bravos! Palavra d'honra que nunca vi cão mais gordo nem mais forte! Que pernas rijas, que pêlo macio! Vê-se que tu te trataas, amigo!

— E' verdade, respondeu o cão. Confesso que tenho um tratamento de fidalgo. Mas, amigo lobo, está em tuas mãos levar a boa vida que levo...

— Como?

— Basta que abandones esse viver errante, esses habitos selvagens e que te civilizes como eu.

— Explica-me lá isso por miúdo, pediu o lobo, com o brilho da esperança nos olhos.

— E' facil. Vens commigo; apresento-te ao meu senhor; elle, está claro, sympathiza-se contigo e te dá o mesmo tratamento que a mim: bons ossos de gallinha, succulentos restos de carne, um canil com palha macia... Além disso, agrados, mimos a toda hora, palmadas amigas, um nome.

Ficou o lobo satisfeitissimo d'aquelle programma e respondeu:

— Não ha duvida, irei contigo. Quem não deixará uma vida miseravel como a minha por uma vida de regalos como a tua?

— Em troca disso, continuou o cão, guardarás o terreiro, não deixando entrar ladrões nem vagabundos. Agradarás ao senhor, e á sua familia, sacudindo a cauda e lambendo a mão a todos.

— Pois acceito, resolveu o lobo; e emparelhando-se com o cachorro partiu a caminho da casa.

Em meio da jornada, porém, notou que o seu amigo estava de colleira.

— Que diabo é isso que tens no pescoço?

— E' a colleira.

— E para que serve?

— Para me prender á corrente.

— Então não és livre, não vaes para onde queres, como eu?

— Nem sempre. Passo ás vezes varios dias preso, conforme

apetece ao meu senhor. Mas que tem isso, se a comida é boa e vem á hora certa?

O lobo entreparou, reflectiu e disse:

— Sabes que mais? Até logo! Prefiro viver assim, magro e faminto, porém livre e senhor de meu focinho, do que gordo e liso como tu, mas de colleira ao pescoço. Fica-te lá com a tua gordura de escravo que eu me contento com a minha magreza de animal livre.

E, girando nas patas, afundou no matto para sempre.



A raposa e as uvas

Certa raposa esfaimada encontrou uma parreira carregadinha de lindos cachos maduros, coisa de fazer vir água á bocca. Mas alta, tão alta que nem pulando podia colher um bago só.

O matreiro bicho, torcendo o focinho, disse com desprezo:

— Estão verdes. Uvas assim só cães podem tragar.

E foi-se. Nisto deu o vento e uma folha tombou. A raposa, ouvindo o barulho, e julgando ser um bago, volta a toda a pressa e põe-se a farejar...

Quem desdenha quer comprar.



O sabiá na gaiola

Lamentava-se na gaiola
um velho sabiá .

— Que triste destino o
meu, nesta prisão, toda a
vida... E que saudades
dos bons tempos de outró-
ra, quando minha vida era
um continuo esvoaçar de
galho em galho, em procura
das laranjas mais bellas...

Madrugador, q u e m
primeiro saudava a
luz da manhã era eu;
como era eu o ultimo a
despedir-me do sol á
tardinha. Cantava e
era feliz...



Um dia, traiçoeiro visgo me ligou os pés. Esvoacei, debati-me em vão, e vim acabar nesta gaiola horrivel, onde saudoso choro o tempo da liberdade. Que triste destino o meu! Haverá no mundo maior desgraça?

Nisto abre-se a porta e entra o caçador, de espingarda ao hombro e uma fieira de passarinhos na mão.

Ante o espectaculo das miseras avesinhas estraçalhadas a tiro, gottejantes de sangue, algumas ainda em agonia, o sabiá estremeceu.

E horripilado verificou que não era dos mais infelizes, pois vivia e inda não perdera a esperanza de recobrar a liberdade de outróra.

Reflectiu sobre o caso e murmurou, lá comsigo:

— *Antes penar que morrer!*





O cavallo e as mutucas

Um cavalleiro vinha chicoteando as mutucas apinhadas no pescoço da cavalgadura. Volta e meia *plaf!* uma lambada e um insecto de menos.

Mas o homem só chicoteava os insectos gordalhudos, pesadões, já empanturrados de sangue.

Em certo ponto o cavallo perdeu a paciencia e disse:

— Julgas que me prestas um serviço e no entanto...

— No entanto quê, cavallo? Pois livro-te das mutucas e inda não estás contente?

— Benefício seria se matasses as magras e poupasses as gordas. Porque estas, fartas que estão, nenhum malefício me fazem, ao passo que as outras, famintas, torturam-me sem dó. Matando só as inoffensivas, o bem que me queres fazer transforma-se em mal, porque soffro a dor da lambada e nada lucro com a morte dos bichinhos.

Quantos beneficios assim, beneficios só na apparencia!...



O lobo, a raposa e a ovelha

Adoecera o lobo e, não podendo caçar, curtia na cama de palha a maior fome da sua vida. Foi quando lhe appareceu a raposa, a visital-o.

— Bem vinda sejas, comadre! E' o céo que te manda aqui. Estou morrendo de fome e se não me soccorres nesta abertura, adeus lobo!...

— Pois espera ahi que já te arranjo uma rica petisqueira, respondeu a raposa, com uma idéa na cabeça.

Fechou a porta sobre si e tocou para a montanha onde costumavam pastar as ovelhas.

Encontrou logo uma, desgarrada.



— Viva, anjinho! Que faz por aqui, tão inquieta? Está a tremer...

— E' que me perdi e tremo com medo do lobo.

— Medo ao lobo? Que bobagem é essa? Pois ignora você que o lobo já fez as pazes com o rebanho?

— Que me diz?

— A verdade, filha. Venho de casa delle, onde conversamos longamente. O pobre lobo está na agonia e muito arrependido da guerra que moveu ás ovelhas. Pediu-me que dissesse isto a vocês e as levasse lá, todas, afim de sellarem o pacto da reconciliação.

A ovelhinha ingenua pulou de alegria. Que sossego dalli por deante, para ella e as demais companheiras! Que bom viver assim, sem o terror do lobo no coração!

E, enternecida, disse:

— Pois vou eu mesma sellar o accôrdo feliz.

Partiram. A raposa, á frente, condul-a á toca da féra.

Entram. A ovelhinha, ao dar com o lobo estirado no catre, por um triz que não desmaia de medo.

— Vamos, disse a raposa, beije a pata do magnanimo senhor! Abrace-o, menina!

A innocente, vencendo o horror, dirige-se para elle e abraça-o. Neste momento o monstro ferra-lhe o dente, mata-a e come-a.

Muito padecem os bons que julgam os outros por si.

A piúva e o jaboti

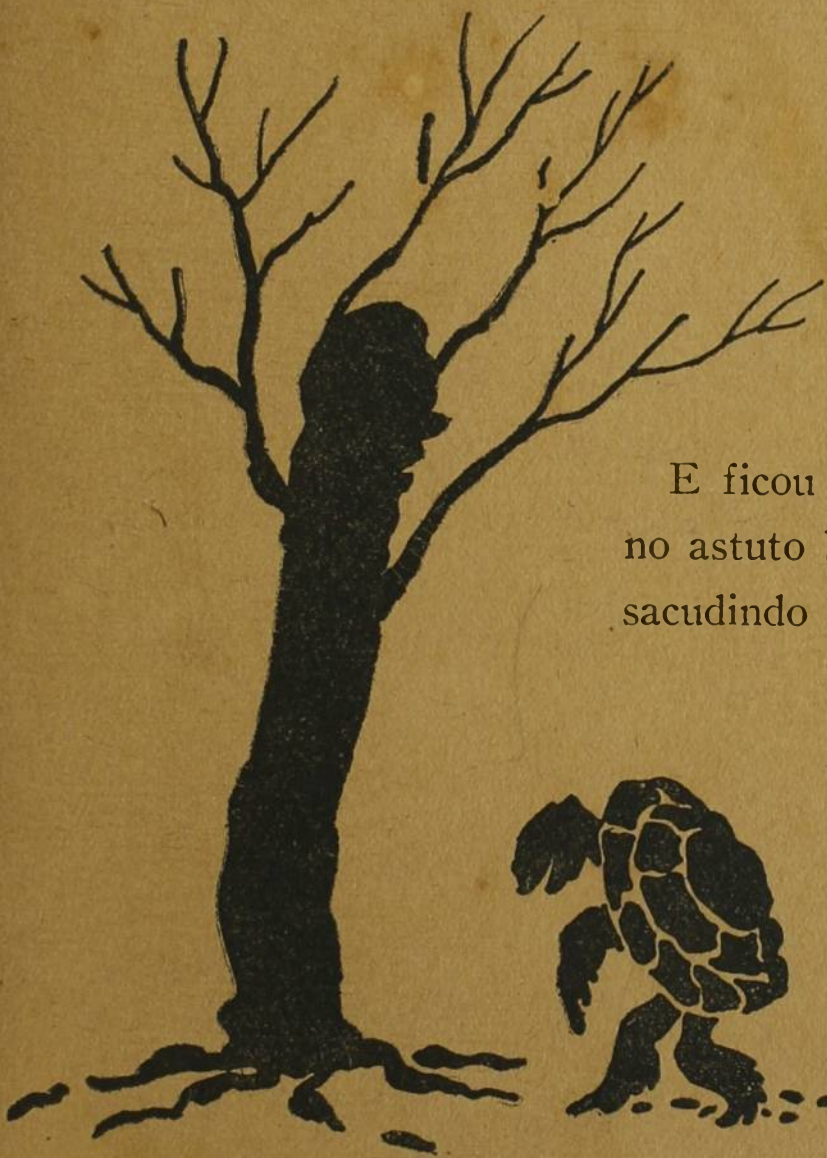
Brigaram certa vez o jaboti e a piúva.

— Deixa estar! disse esta, furiosa. Deixa estar que eu te curo, meu malandro! Prego-te uma peça das boas, verás...

E ficou de sobreaviso, com os olhos no astuto bichinho, que lá se ria della, sacudindo os hombros.

O tempo corre; esquece o kagado o sucedido e um bello dia, distrahidamente, passa ao alcance da piúva.

A rija madeira, incontinentemente, torce-se, estala e despenca para cima do incauto.



— Toma! Quero vêr agora como te arrumas. Estás entalado sob o meu tronco e, como sabes, sou páu que dura cem annos....

O Jaboty não se deu por vencido. Encorujou-se dentro da casca, cerrou os olhos como para dormir e disse philosophicamente:

— Pois como eu duro mais de cem annos, esperarei que apodreças...

A paciencia dá conta dos maiores obstaculos.



A cabra, o cabritinho e o lobo

Antes de sahir a pastar, a cabra, fechando a porta, disse ao cabritinho :

Cuidado, meu filho! O mundo anda cheio de perigos. Não abras a porta a ninguem antes de pedir a senha.

— E qual é a senha, mamãe?

— A senha é: “Para os quintos o lobo e toda a sua raça”.

Decorou o cabritinho aquellas palavras e a cabrita lá se foi, sossegada da vida.

Mas o lobo, que rondava a casa, e ouvira a conversa, sem demora aproximou-se e bateu. E, disfarçando a voz, repetiu a senha.



O cabritinho correu a abrir, mas ao pôr a mão no ferrolho, desconfiou. E pediu:

— Mostre-me a pata branca, faz favor...

Pata branca era coisa que o lobo não tinha e que não pode mostrar, portanto. E de focinho comprido, desapontadissimo, não teve remedio senão ir-se embora como veio — de papo vazio...

Assim se salvou o cabritinho, porque teve a boa idéa de *confiar, desconfiando...*



O asno pedante e o burro humilde

Um asno pachola e pedantissimo atormentava a paciencia dum humilde burro de corroça, desses que reconhecem o seu lugar na terra. Zurrava o asno, declamava, provava que era elle um talento de primeira grandeza, e sabio como nunca appareceu igual no mundo.

O outro, quieto, ouvia, de orelhas murchas, pastando.

— Que bruto és, amigo! Falo e não me respondes! Zurro sciencia pura e tu pastas! Vamos! Dize alguma coisa! Contraria-me, contesta-me as opiniões, que estou a arder por uma polemica. Do contra-



rio envergonhar-me-hei de ter-te como irmão na fôrma e na côr.

Um macaco, que tudo ouvia, comendo bananas num galho de páo, não se conteve e desfechou uma gargalhada.

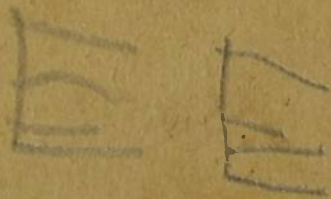
— O mundo está perdido! Esta besta a fazer-se de sabio, a zurrar centenas de asneiras e o auditorio a engulir tudo, caladinho...

O burro humilde replicou:

— Não zombes do coitado— porque é um coitado, não vês? Quanto a mim faço bem em não responder. O poeta Bocage ensinou-me estes versinhos que são profundamente verdadeiros:

Um tolo só em silencio

E' que se pôde soffrer...





A galinha dos ovos de ouro

João Impaciente descobriu no galinheiro uma pedrez que punha ovos de ouro. Mas um por semana, apenas.

Louco de alegria, disse á mulher:

— Estamos ricos! Esta galinha traz um tesouro no ovario. Mato-a e fico o graudão das redondezas.

— Porque matal-a, si conservando-a viva tens um ovo de ouro de sete em sete dias?

— Não fosse eu João Impaciente! Queres que me satisfaça com um por semana quando posso conseguir o tesouro inteiro neste instante?

E matou a pedrez.

Dentro della, porém, só havia tripas, como nas gallinhas comuns, e João Impaciente, logrado, continuou a marcar passo a vida inteira, morrendo sem vintem.

Quem não sabe esperar, pobre ha de acabar.



A onça, a anta e o macaco

A onça, ao voltar da caça, com uma veadinha nos dentes, encontrou a sua tóca vazia.

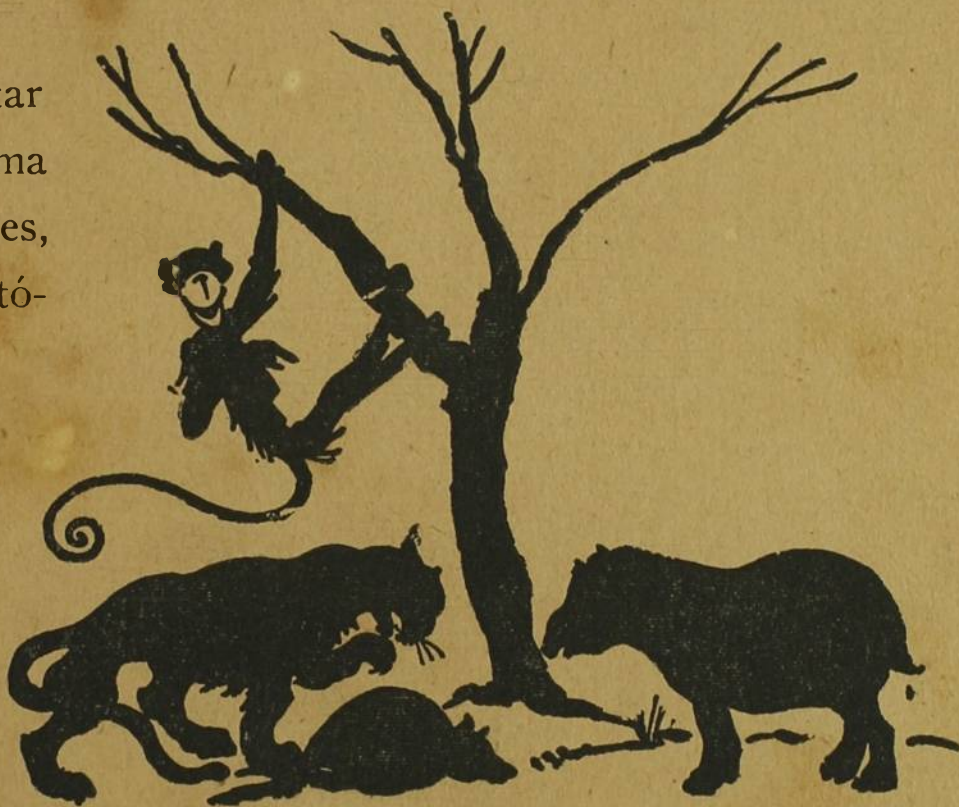
Desesperada, esguelou-se em urros que enchiam de espanto a floresta. Assustada com aquillo u-

ma anta veio indagar o que era.

— Mataram-me as filhas! gemeu a onça. Infames caçadores commetteram o maior dos crimes: mataram-me as filhas!...

E de novo urrou, desesperadamente, espojando-se na terra e arranhando-se com as unhas.

Diz a anta:



— Não vejo motivo para tamanho barulho!... Fizeram-te uma vez o que fazes todos os dias. Não andas sempre a comer os filhos dos outros? Inda agora não mataste a filha da veada?

A onça arregalou os olhos, como que espantada da estupidez da anta.

— O' grosseira creatura! Então queres comparar os filhos dos outros com os meus? E equiparar a minha dôr á dôr dos outros?

Um macaco que do alto do seu galho assistia á scena metteu o bedelho na conversa.

— Amiga onça, é sempre assim. *Pimenta na bocca dos outros não arde...*



O charlatão

Um celebre patarata propalou pela cidade que era possível ensinar a lêr aos burros. O rei soube do facto e fel-o vir á sua presença.

— E' verdade o que dizem por ahi?

— Que é possível ensinar a lêr a um burro? Perfeitamente, majestade. Comprometto - me, em dez annos de ensino, a transformar o mais burro dos burros num perfeito grammatico.

— E que é preciso para isso?

— Em primeiro



logar um burro. Em segundo logar outro burro, perdão! uma pessoa que me garanta a subsistencia pelo espaço de dez annos.

— Pois dou-te o burro, disse o rei, e o mais de que necessitas. Se, porem, ao fim desse prazo não me apresentares o burro lendo e escrevendo correctamnte, ai de ti!...

O charlatão saiu do palacio esfregando as mãos de contente. E como seus amigos, assustados viessem criticar-lhe o absurdo daquelle contracto e o fim desastroso que elle, charlatão, fatalmente teria, o nosso homem piscou velhacamente o olho, dizendo:

— Que ingenuos são vocês! Em dez annos, o rei, eu ou o burro, um de nós tres não existe mais. E, assim, de qualquer maneira sairei ganhando. E' ou não é?

Todos concordaram que era...



O pastor e o leão

Um pastorzinho, notando certa manhã a falta de varias rezes, enfureceu-se, tomou da espingarda e saiu para o monte.

— Raios me partam se eu não trouxer, vivo ou morto, o miseravel ladrão das minhas ovelhas!

Hei de campear dia e noite, hei de encontral-o, hei de arrancar-lhe os figados...

E assim, furioso, a resmungar as maiores pragas, consumiu longas horas em inuteis investigações.

Cançado já, lembrou-se de pedir soccorro aos céos.



— Valei-me Santo Antonio! Prometto-vos vinte rezes se me fizerdes dar de cara com o infame salteador.

Por estranha coincidência, mal o pastorzinho disse aquillo, eis que lhe surge aos olhos um enorme leão de dentes arreganhados.

O nosso heroe treme dos pés á cabeça, a espingarda cae-lhe das mãos e tudo quanto consegue fazer é invocar de novo o santo.

— Valei-me Santo Antonio! Prometti-vos vinte rezes se me fizesseis apparecer o ladrão; prometto-vos agora o rebanho inteiro para que o façaes desaparecer...

No momento do perigo é que se conhecem os heroes.



O reformador do mundo

Americo Pisca-Pisca tinha o habito de pôr defeito em todas as coisas. O mundo para elle estava errado e a natureza só fazia asneiras...

—Asneiras, Americo?

— Pois então?!...

Aqui mesmo, neste pomar, tens a pro-

va disso. Alli está uma jaboticabeira enorme, sustendo fructas pequeninas, e lá adeante uma colossal abobora presa au caule duma planta rasteira. Não era logico que fosse justamente o contrario? Si as coisas tivessem de ser reorganisadas por mim, eu trocaria incontinente as bolas, passando as jaboticabeiras para a aboboreira e as aboboras para a jaboticabeira. Não achas que tenho razão?



Assim discorrendo Americo provou que tudo estava errado e que só elle era capaz de dispor com intelligencia o mundo.

— Mas o melhor, concluiu elle, é não pensar nisto, e tomar uma somneca á sombra destas arvores, não achas?

E Pisca-Pisca, pisca-piscando que não acabava mais, estirou-se á sombra, de papo acima.

Dormiu. Sonhou com o mundo novo, reformado pelas suas mãos. Uma belleza!

De repente, no melhor da festa, *plaf!* uma jaboticaba que cae e lhe esborracha o nariz.

Americo desperta de um pulo; pisca, pisca; medita sobre o caso e reconhece afinal que o mundo não é tão mal feito assim.

E segue para casa, reflectindo:

— Que espiga!... Pois não é que si eu refizera o mundo a primeira victima teria sido eu? Eu, Americo Pisca-Pisca, morto pela obobora por mim posta em lugar da jaboticaba? Hum! Deixemo-nos de reformas. Fique tudo como está, que está tudo muito bem.

E Pisca-Pisca continuou a piscar pela vida em fóra, mas desde então perdeu a scisma de corrigir a natureza.

Qualidade e quantidade



Metteu-se um mo-
no a falar numa ro-
da de sabios e taes
asneiras disse que
foi corrido aós pon-
ta pés.

— Que? disse elle. Enxotam-me daqui? Negam-me talento?
Pois hei de provar que sou um grande figurão e vocês, uns
tolos.

Enterrou o chapéu na cabeça e dirigiu-se á praça publica,
onde se apinhava copiosa multidão.

Lá chegando pediu uma pipa, trepou em cima, e poz-se a
declamar. Disse asneiras como nunca, tolices de duas arrobas,
parvoçadas de dar com pau. Mas como gesticulava e berrava
furiosamente, o povo em delirio o applaudiu com palmas e vi-
vório, acabando por carregal-o em triumpho.

— Viram? Disse elle ao passar ao pé dos sabios. Reconhecem a minha força? Respondam-me agora de que vale a opinião de vocês deante desta victoria popular?

Um dos sabios retrucou serenamente:

— *A opinião da qualidade despresa a opinião da quantidade.*



A coruja e a aguia

Coruja e aguia, depois de velha dissensão, resolveram fazer as pazes.

— Basta de guerra, amiga. O mundo é grande e tolice maior andarmos uma a comer os filhotes da outra.

— Perfeitamente, retrucou a aguia. Também eu não quero outra cousa.

— Nesse caso assentemos nisto: d'ora em diante nunca paparás os filhos meus.

— Muito bem. Mas como posso distinguir dos outros os teus filhotes?

— Causa facil. Sempre que déres com uns borrachos lindos, bem feitos de corpo, alegres, vivos, cheios dum encanto especial



que não existe em filhotes de nenhuma outra especie, já sabes. são os meus.

— Feito! rematou a aguia.

Dias depois, andando á caça, encontrou a aguia um ninho com tres mostrenginhos dentro, a piar, de bico aberto.

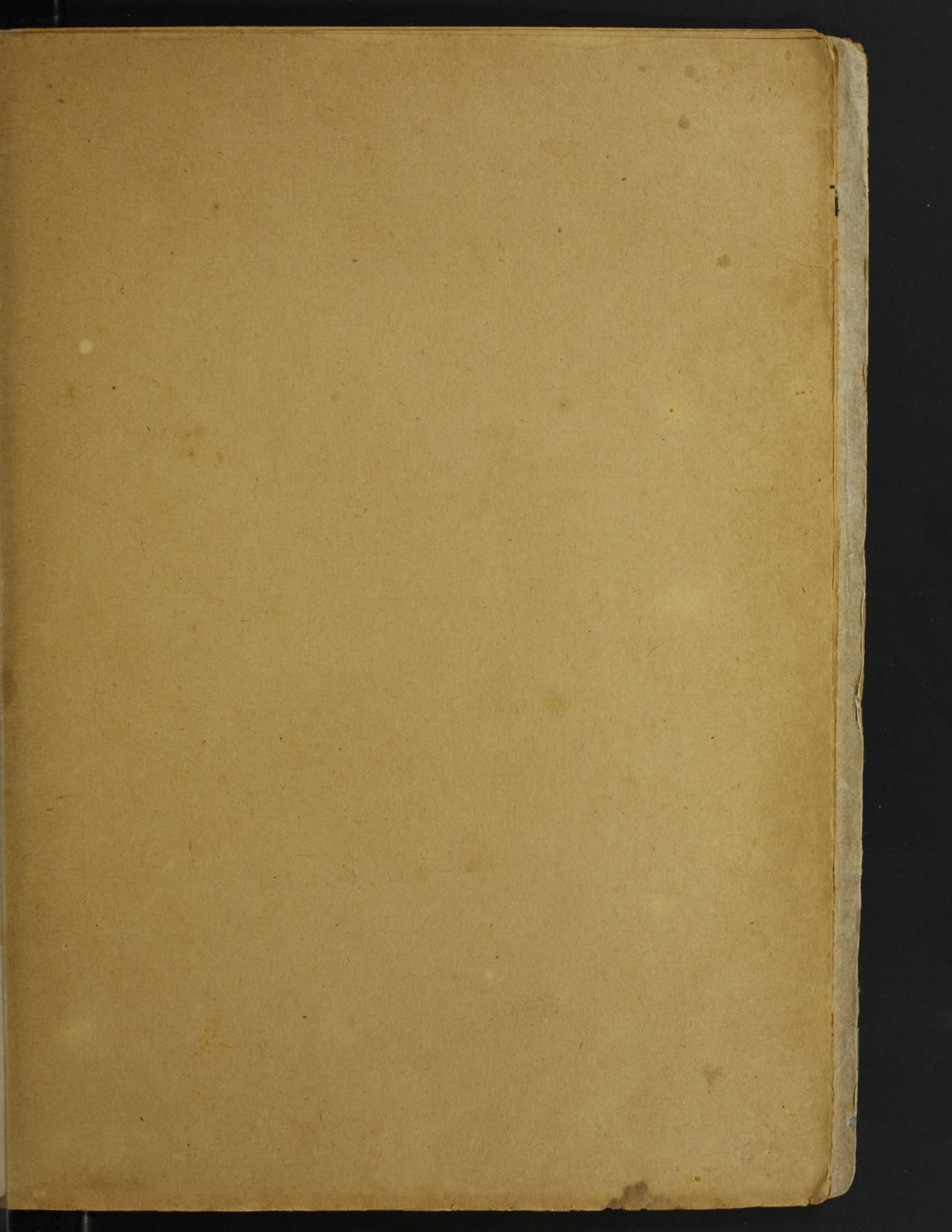
— Horriveis bichos! disse ella. Vê-se logo que não são os filhos da coruja. E papou-os.

Mas eram os filhos da coruja, e a triste mãe, ao regressar, chorou amargamente o desastre, indo justar contas com a rainha das aves.

— Quê? disse esta, admirada. Teus filhos, aquelles monstrosinhos? Pois, olha, não pareciam nada com o retrato que delles me fizeste!...

Para retrato de filho ninguem acredite em pintor pae. Lá diz o dictado: quem o feio ama bonito lhe parece.

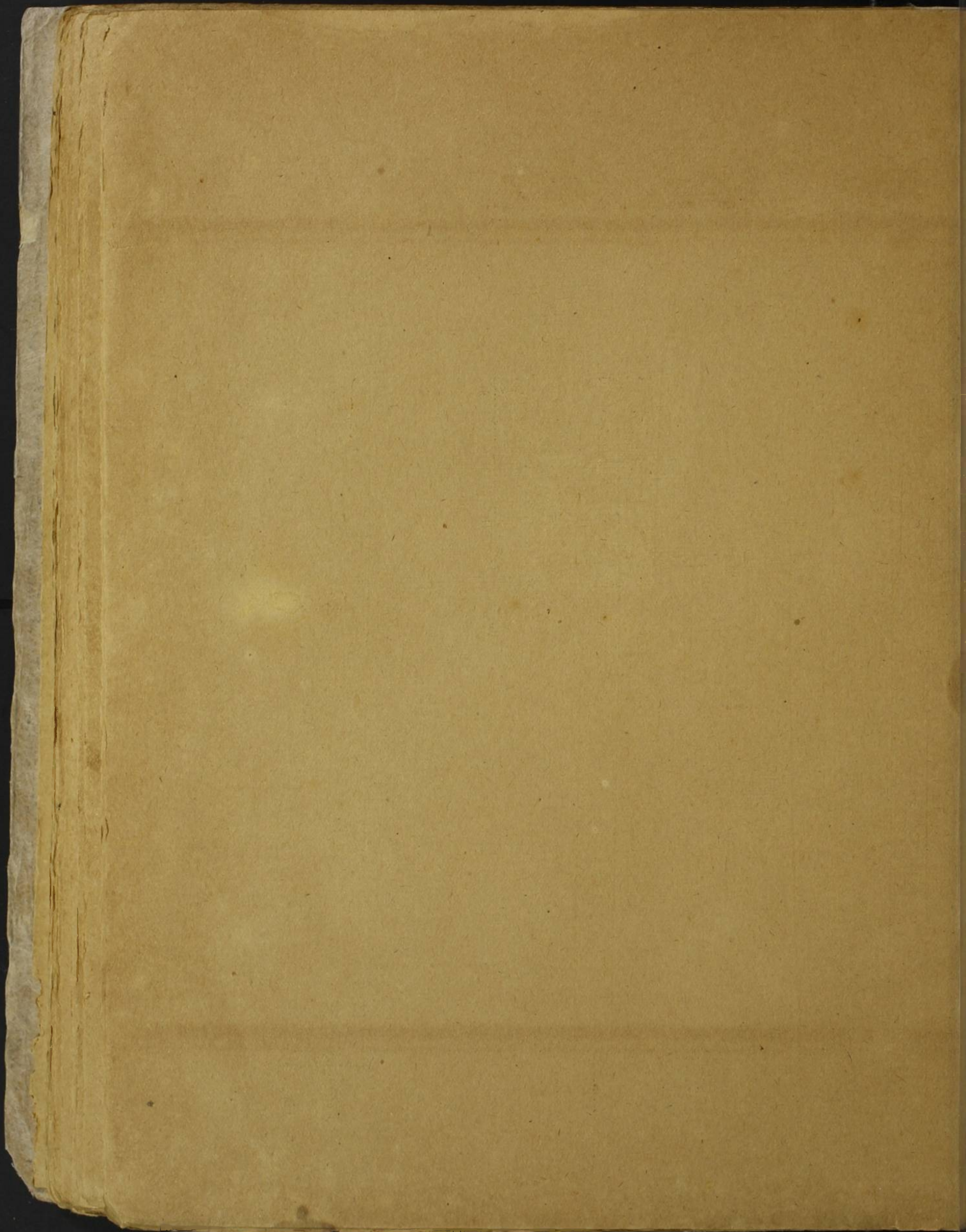


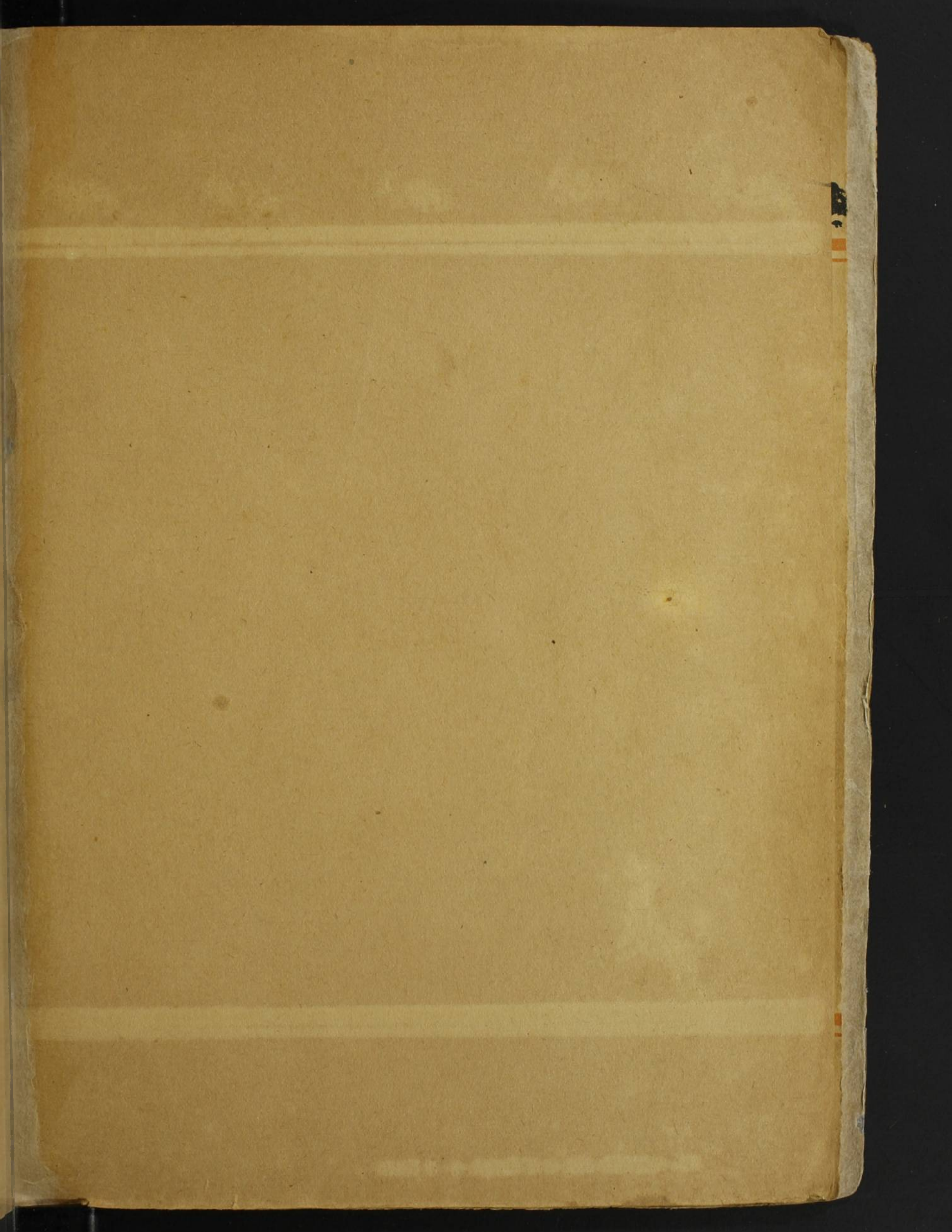


ESTABELECIMENTO GRAPHIC
PASOVINO COLNIALE
EXECUTAMOS TODOS OS TIPOS DE IMPRESSÃO
PARA O COMMERÇO E TRABALHOS DE ARTE

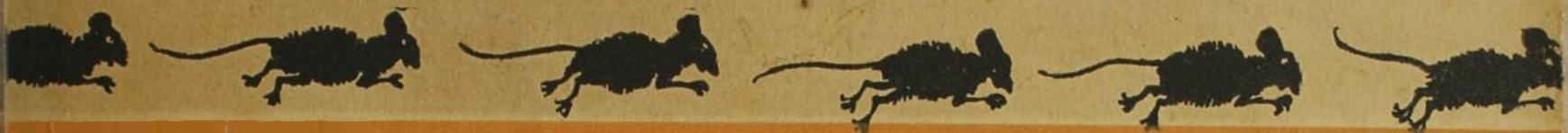


LIVROS CATALOGOS ILUSTRADOS REVISTAS
RELATORIOS FOLHETOS ETC
RVA-25 DE MARCO-15 SAOPAVLO
CAIXA POSTAL-927 TELEPH-CENT-4838





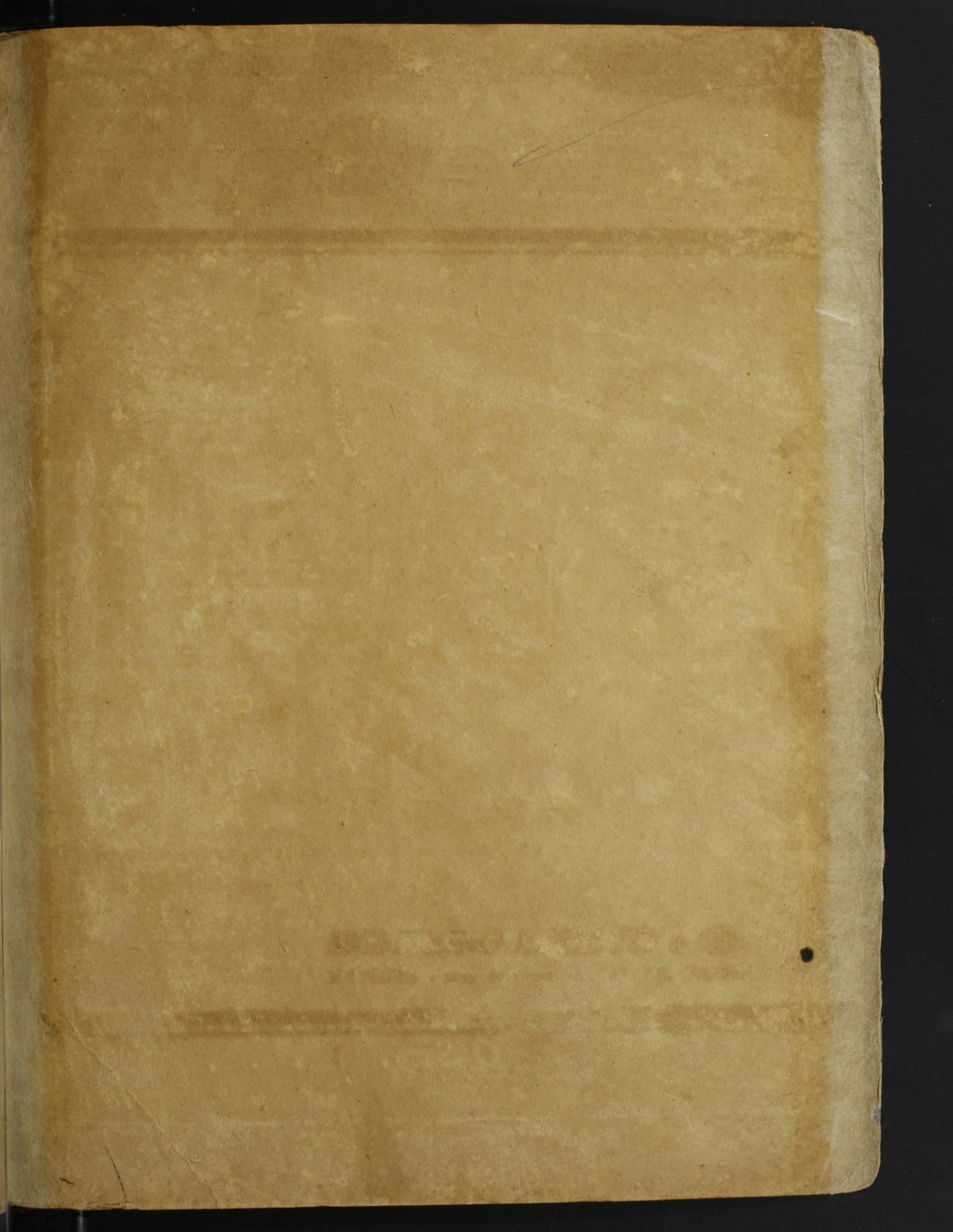




MONTEIRO LOBATO & Cia.

EDITORES - Rua Boa Vista N. 52 - S. PAULO

20338



PREÇO: 3\$000



DO MESMO AUTOR
COM DESENHOS DE VOLTOLINO:

Narizinho Arrebitado . 2\$500
O Sacy 2\$500